

O projeto de investigação *Quinta do rouxinol: uma olaria romana no estuário do Tejo (Corroios/Seixal): o contributo da olaria tradicional de Viana do Alentejo*

**Apresentação realizada no âmbito do I Colóquio de História
Local de Viana do Alentejo**

07 de Setembro de 2013

1 – Olaria romana da Quinta do rouxinol: o sítio arqueológico

O núcleo museológico da Quinta do Rouxinol, integrado na estrutura descentralizada do Ecomuseu Municipal do Seixal (EMS), foi delineado com vista à preservação e manutenção *in situ* das estruturas dos antigos fornos romanos aí encontrados.

O sítio arqueológico, classificado como Monumento Nacional em 1992 (Dec. 26 A/92, de 1 de Junho), apresenta estruturas de três fornos, na proximidade dos quais se identificaram fossas de despejo de materiais cerâmicos rejeitados durante o processo de fabrico. O espólio arqueológico (principalmente ânforas, loiça doméstica e lucernas) encontrado durante as escavações realizadas entre 1986 e 1991 é considerado uma das melhores e mais completas coleções de cerâmica romana do território hoje português, atestando de forma ímpar o papel que esta olaria teria tido no comércio da zona estuarina do Tejo e na exportação das suas produções para outros pontos do Império.

2 – Do projeto de Investigação à exposição temporária

O Ecomuseu Municipal do Seixal, em parceria com o Museu Nacional de Arqueologia (MNA) apresentou ao programa ProMuseus de 2007 a sua candidatura com o projeto de exposição/investigação *Olaria Romana da Quinta do Rouxinol (Corroios/Seixal)*.

Esta candidatura enquadrou-se no desenvolvimento do Programa de Interpretação e Valorização do sítio arqueológico, dando ampla relevância à investigação e divulgação do mesmo e do espólio dele proveniente.

O contributo do sítio da Quinta do Rouxinol é relevante para o estudo dos centros oleiros e respetivas áreas de distribuição, particularmente no que respeita às peças destinadas ao envasamento e transporte em larga escala de produtos piscícolas e dos seus derivados.

Desta forma, estabeleceu-se uma parceria estratégica entre as duas instituições museológicas, justificada pela partilha de objetivos e coleções da mesma natureza: aliou-se a investigação e a sua divulgação ao discurso expositivo, numa orgânica funcional que pretendeu não só sensibilizar a opinião pública, mas acentuar e incentivar estudos e reflexões.

O projeto museológico agregou um conjunto de vertentes de investigação que traduziram a abordagem multidisciplinar que esteve na base da investigação: Arqueologia, Etnografia e Tecnologias de Informação e Comunicação foram os vetores de uma investigação que se traduziu no programa museológico/museográfico de uma exposição sobre arqueologia que, pela natureza da sua preparação pluridisciplinar, ultrapassou a simples exposição contextualizada de espólio arqueológico, ao introduzir no seu discurso uma linha comparativa etno-arqueológica, assente no pressuposto evolutivo das técnicas e meios produtivos, tendo como referências (espaciais e temporais) os contextos produtivos do período romano no nosso país e a olaria tradicional portuguesa, articulando num mesmo discurso temáticas como a arqueologia, a etnografia, as técnicas e os saberes, procurando desde logo traçar paralelos e identificar pontos em comum. A comparação etno-arqueológica entre a olaria romana e a olaria tradicional portuguesa pretendeu salientar uma linha evolutiva contínua das técnicas, métodos e contextos, desde o século II d.C. até aos nossos dias.

3 – A exposição temporária *Quinta do rouxinol: uma olaria romana no estuário do Tejo (Corroios/Seixal)*

O projeto museológico materializou um conjunto de ideias, de ilações e conclusões decorrentes do processo de investigação. Tendo sido pensada de raiz para o espaço da sala de exposições temporárias do MNA, a exposição temporária *Quinta do rouxinol: uma olaria romana no estuário do Tejo (Corroios/Seixal)* abriu portas ao público no dia 19 de Março de 2009. Segundo dados do IMC¹, o Museu Nacional de Arqueologia apresentou, desde esse período até Maio de 2013, um total de 402.736 visitantes. O projeto expositivo visava um conjunto de objetivos, presentes no documento de candidatura ao ProMuseus 2007, nomeadamente a divulgação do património arqueológico do Seixal através do desenvolvimento da investigação centrada na olaria romana da Quinta do Rouxinol e no espólio recolhido nas campanhas de escavações realizadas (1986/1991). Previa-se ainda a futura musealização do sítio arqueológico, associando o Ecomuseu Municipal do Seixal ao Museu Nacional de Arqueologia para alcançar um maior relevo nacional e internacional, amplificando a informação sobre os contextos produtivos da antiga província romana da Lusitânia.

4 – O contributo da olaria tradicional de Viana do Alentejo: *Cadeia operatória do trabalho do barro e a “forneca” alentejana*

A olaria tradicional de Viana do Alentejo assenta num ofício manual que remonta a gerações de oleiros. Trata-se de uma economia de produção (reprodução de formas em regime intensivo)

¹ Dados disponibilizados pela Direção-Geral do Património Cultural no site <http://www.patrimoniocultural.pt/pt/museus-e-monumentos/dgpc/estatisticas-dgpc/> (Consulta feita a 24/02/2015)

especializada na produção em série de loiça doméstica / utilitária. Peças como alguidares, bilhas, barris, cântaros, panelas e tachos marcaram a estrutura produtiva vianense até à década de oitenta do século XX, com a introdução de uma decoração assente numa paleta cromática de azul, verde, castanho e amarelo, explorada numa gramática decorativa versada sobre uma temática local e regional com motivos geométricos, figurativos, zoomórficos, paisagens e património local.

No âmbito deste projeto de investigação, qual foi o contributo da olaria tradicional de Viana e como se manifestou?

Pensada como recurso museológico, o estabelecimento da *Cadeia Operatória do Trabalho do Barro* teve como base a pesquisa realizada nos Arquivos documentais da Radiotelevisão Portuguesa pela equipa do Ecomuseu Municipal do Seixal. Relacionada com a comparação etnoarqueológica entre a olaria romana e a olaria tradicional portuguesa anteriormente mencionada, visou apresentar ao visitante um encadeamento de tarefas e processos, tendo como ponto de partida a extração do barro e concluindo com a peça final.

Para a elaboração deste recurso, a equipa do Ecomuseu selecionou um conjunto de quatro documentários sobre as técnicas tradicionais de olaria, cada um deles representando um contexto específico: Montemor-o-Velho², Mafra³, Lisboa⁴ e Viana do Alentejo.

Através da identificação de seis fases comuns nos respetivos processos produtivos, e equacionando as suas especificidades, foi possível estabelecer uma linha comparativa de procedimentos, na qual a tradição oleira de Viana se enquadra.

Primeiro, o barro é extraído diretamente da terra, sendo posteriormente transportado para as oficinas.

Já no espaço das olarias, o barro é devidamente processado, limpo de impurezas e outros elementos que possam interferir no processo de modelagem e contribuir para uma fraca qualidade da peça.

Segue-se a modelagem da peça na roda de oleiro, um dos instrumentos mais característicos deste ofício. Aqui materializam-se toda a mestria e conhecimentos do mestre oleiro, incluindo os primeiros ensinamentos enquanto aprendiz e toda a experiência acumulada.

Na literatura sobre esta temática encontra-se frequentemente a referência ao *oleiro/forneiro*, uma vez que as duas funções estão muitas vezes juntas. O (saber) enforar também pode ser interpretado como um indicativo da experiência de um oleiro, uma vez que não consiste na simples colocação das peças no forno, mas sim na sua correta disposição no espaço destinado à

² Datado de 28 de Novembro de 1981, tem como título *Memória de um povo – Trabalho do corpo, trabalho das formas*. Trata-se de um documentário com 28 minutos e 43 segundos de duração que aborda uma olaria tradicional situada em Casal do Redinho (Montemor-o-Velho). Nele podem visualizar-se algumas das fases do tratamento e do processamento do barro, desde o seu tratamento até à peça final.

³ Datado de 1986, o vídeo apresenta-nos uma reportagem intitulada *As profissões – II – Oleiro*, rodada numa olaria em Mafra. São apresentadas algumas das fases de trabalho, como a preparação do barro, a modelagem, a cozedura no forno, a pintura e a venda dos produtos na feira.

⁴ Datado de dois de Novembro de 1960, o videograma apresenta-nos um conjunto de imagens sobre o trabalho do barro. Com a duração de 10 minutos e 48 segundos, acompanhamos um processo de recolha, tratamento e processamento do barro quase universal, complementado com imagens que remetem para as fases a jusante de todo o processo.

cozedura, de forma a utilizar o forno de forma mais eficiente, potencializando desta forma a fornada.

O conhecimento do forno a lenha e do seu comportamento ao longo da cozedura é crucial, pois cabe ao oleiro conciliar a aplicação de técnicas de fecho do forno com as diferentes necessidades térmicas que, por sua vez, variam consoante a fase de cozedura (subida lenta na fase inicial e manutenção de uma temperatura elevada nos últimos 2/3 da cozedura).

O desenformar, aqui compreendido como a abertura do forno após cozedura e o retirar das peças, também é um processo que depende muito da experiência do oleiro. Na esmagadora maioria dos casos, os fornos a lenha são deixados a “descansar”: deixando de introduzir lenha na câmara de combustão, a temperatura começa a baixar naturalmente até aos valores do ambiente, ou próximos disso, de modo a permitir uma abertura segura, evitando desta forma choques térmicos que possam pôr em causa toda a fornada.

Se este processo está confirmado para a conjuntura das olarias de Viana do Alentejo, esta aferição só é transposta para o contexto da olaria romana através das semelhanças entre as arquiteturas de ambos os fornos. É curioso verificar que as “fornecas” alentejanas seguem o mesmo princípio construtivo: as várias camadas de tijoleira assentam de forma entrelaçada, reforçando desta forma a integridade e robustez do forno.

No âmbito do projeto de investigação e musealização, a Câmara Municipal do Seixal adjudicou à empresa ArteScan a digitalização e modelação 3D de um dos fornos romanos da Quinta do Rouxinol, com tecnologia laser e fotogrametria. Este registo minucioso das estruturas existentes foi complementado com a investigação arqueológica e etnográfica, com o intuito de sustentar uma proposta técnica de restituição do forno, à escala natural, acrescentando ao que se preserva no sítio arqueológico uma solução para completar a câmara de combustão, e apresentar a grelha e a câmara de cozedura.

É possível estabelecer alguns paralelos de comparação entre a “forneca” alentejana e o forno romano. Analisando as respetivas arquiteturas, verificamos que ambas as câmaras de combustão ficam num nível inferior, com a diferença de que no forno romano existe um pequeno corredor que dá acesso à zona da fornalha propriamente dita. A inexistência deste corredor na “forneca” poderá ser explicada pelas suas dimensões mais reduzidas, em comparação com o forno romano, tornando desnecessário este recurso de controlo de temperatura no início da fase de pré-aquecimento do forno.

A separar as câmaras combustão e de cozedura vamos encontrar uma grelha perfurada que serve de apoio às peças a cozer e de passagem ao calor. É possível verificar, nas imagens de Viana do Alentejo, que os oleiros locais assentavam diretamente sobre esta grelha uma camada de peças refratárias de dimensões variadas, bem como duas fileiras de tijolo que serviriam de base de apoio aos alguidares.

A inexistência de um componente arquitetónico em zonas chave para o funcionamento destas estruturas obriga ao recurso a técnicas independentes de fecho das zonas abertas. Para uma cozedura eficiente, duas zonas têm de ser devidamente calafetadas, de forma a concentrar o calor no interior da própria câmara de cozedura: a porta que lhe dá acesso e o seu topo/abóbada. Para o efeito, sendo certo que não podemos inferir diretamente os processos de cozedura romanos nesta tipologia específica de fornos, procuraram-se na tradição dos barros vianenses as técnicas utilizadas pelos oleiros locais para solucionar esta questão.

Em ateliê de Arqueologia experimental realizado entre 17 e 20 de Fevereiro de 2010, integrado no programa de Seminário Internacional sobre Cerâmica Romana, aplicou-se a metodologia alentejana de fecho das “fornecas” na restituição do modo de funcionamento de forno romano entretanto construído no sítio arqueológico: a porta da câmara de cozedura foi fechada dispondo peças de loiça já cozida, depois calafetadas com “barbotina”. Com a subida da temperatura no interior, a “barbotina” coze, selando esta estrutura improvisada, retendo o calor no interior da câmara e evitando a entrada de ar proveniente do exterior. Quanto ao topo/abóbada, a cobertura era tradicionalmente feita pela simples sobreposição manual de segmentos de loiça refratária (primeiro os segmentos de maior dimensão, criando um suporte para assentar os mais pequenos).

O ateliê produziu alguns resultados bastante interessantes: depois de um total de 49 horas para o aquecimento e arrefecimento, onde atingiu uma temperatura máxima superior a 1000°C, o forno foi aberto quando a câmara de cozedura ainda registava uma temperatura de 150°C. No material cerâmico cozido (28 ânforas e 150 peças de loiça comum), houve a registar somente raros casos de asas partidas ou fissuras nas peças de cerâmica comum.

Tendo presentes as similitudes entre os dois fornos, como pode este conjunto de dados ser interpretado no âmbito da conjuntura produtiva das cerâmicas tradicionais da vila alentejana? Exige-se aqui um estudo comparativo das duas estruturas, sendo ambas sujeitas às mesmas condições, para que os resultados possam ser equacionados na mesma escala. A ter também presente que o termo “forneca” se refere a um “forno pequeno”, e que em Viana as estruturas não tinham um tamanho pré-definido, mas antes variavam consoante as necessidades/produção da oficina em questão, tendo mesmo a dada altura coexistido com os primeiros fornos de cozer abobadados.

BIBLIOGRAFIA RECOMENDADA

BANHA, L. (2014) – *ILARUS: contributos para o estudo da olaria tradicional de Viana do Alentejo*, Évora, Câmara Municipal de Viana do Alentejo

FILIPPE, G. e RAPOSO, J. (2009) – *Quinta do Rouxinol: uma olaria romana no estuário do Tejo (Corroios, Seixal) / Roman Kilns in the Tagus Estuary (Corroios, Seixal)*. Seixal. Câmara Municipal do Seixal. Livro-Guia de exposição. Em linha: <https://independent.academia.edu/JorgeRaposo>.

RAPOSO, J.; COROADO, J.; TRIÃES, R.; FABIÃO, C.; ALMEIDA, J. e SANTOS, C. R. (2014) – “Restitución Formal y Funcional de un Horno Romano de la Alfarería de Quinta do Rouxinol (Seixal, Portugal): arqueología experimental, control de condiciones de cocción y análisis del material cerâmico”. In PALOMO, A.; PIQUÉ, R. e TERRADAS, X. (eds.). *Experimentación en Arqueología. Estudio y difusión del pasado*, 461-469. Girona, Sèrie Monogràfica del MAC (Actas del III Congrés internacional d’Arqueologia Experimental, Banyoles, 2011). Em linha: <https://independent.academia.edu/JorgeRaposo>.